

Buenos Aires: Tão perto, tão longe

João Farias Rovati¹

Resumo: Vivemos uma época na qual a produção e circulação de bens culturais ganha grande autonomia em relação a suas territorialidades. A iconografia relacionada à arquitetura das cidades não escapa a esta condição. Mas, se a imagem de uma arquitetura supostamente característica de um território pode ser instantaneamente captada por seu receptor, o mesmo não acontece com sua materialidade; para experimentá-la, é preciso vivenciar “alguma coisa” que, aparentemente, não circula pelas redes de comunicação e informação. A partir do relato de uma caminhada pelas ruas de Buenos Aires, como paródia do conflito entre a veloz circulação das imagens e a lenta circulação dos corpos, o trabalho propõe o aprofundamento da reflexão sobre a americanização da cidade brasileira.

Palavras-chave: Cidade; Arquitetura; Urbanismo; Projeto; Circulação de Imagens.

Buenos Aires: So close and yet so far

Abstract: We live in a time when the production and circulation of cultural goods are becoming increasingly independent from their territorialities. This also applies to iconography related to the architecture of the cities. However, although the image of the architecture that is supposedly characteristic of a territory may be instantly captured by the receptor, this is not the case of its materiality. In order to truly grasp it, one needs to experience “something” that apparently does not circulate in the communication and information media. Based on the report of a walk through the streets of Buenos Aires, as a metaphor of the conflict between the high speed of the circulation of images and the low speed of the circulation of bodies, this article discusses the *americanization* of Brazilian cities.

Keywords: City; Architecture; Urban Planning; Project; Circulation of Images.

¹ Arquiteto graduado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestre em Planejamento Urbano e Regional pelo Instituto de Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Paris-8. Professor da UFRGS desde 1989, onde atua junto ao Departamento de Urbanismo, à Faculdade de Arquitetura e ao Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional.

Navegar não é caminhar

Segundo o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001), a palavra navegar originalmente (século XIV) referia-se ao ato de “percorrer o mar ou qualquer superfície líquida em uma nave”. Há alguns anos, nossos dicionários associam o uso da mesma palavra, em sentido figurado, ao ato de percorrer páginas e recursos da Internet. No ano 2000, Zygmunt Bauman publicou *A modernidade líquida*. Pouco antes, em 1997, em *Pela Internet*, Gilberto Gil canta o barco que veleja “pelo informar”:

*Criar meu website, fazer minha homepage
Com quantos gigabytes se faz uma jangada
Um barco que veleje
Que veleje nesse informar
Que aproveite a vazante da infomaré
Que leve um oriki do meu velho orixá
Ao porto de um disquete de um micro em Taipé
Um barco que veleje nesse infomar
Que aproveite a vazante da infomaré
Que leve meu e-mail até Calcutá
Depois de um hot-link num site de Helsinque
Para abastecer
Eu quero entrar na rede, promover um debate
Juntar via Internet um grupo de tietes de Connecticut
De Connecticut acessar o chefe da Mac Milícia de Milão
Um hacker mafioso acaba de soltar
Um vírus para atacar os programas no Japão
Eu quero entrar na rede para contatar
Os lares do Nepal, os bares do Gabão
Que o chefe da polícia carioca avisa pelo celular
Que lá na praça Onze tem um videopôquer para se jogar*

Já a palavra *caminhar*, conforme o mesmo *Dicionário Houaiss*, diz respeito ao ato de “seguir um caminho e percorrê-lo a pé”.

E assim, nos tempos que correm, não se caminha pela internet, navega-se; e não se navega pela cidade, caminha-se.

O uso e o significado das palavras, neste ou naquele idioma ou país, bem como a maneira como certos significados (e as próprias palavras) transitam de um idioma ou área

cultural a outro, têm sido objeto de numerosos estudos. Este não é (e nem poderia ser, por falta de competência do autor) o tema ou o objeto da presente comunicação.

Meu propósito é simplesmente ressaltar a importância do “caminhar”² como experiência que alimenta a curiosidade e o conhecimento, de modo especial em um mundo em que milhões de pessoas dedicam cada vez mais tempo a monitores de todo tipo – “*quando sabemos que os fatos mais importantes e interessantes, bem como as ideias mesmas, estão atrás das telas.*” (BUNGE, 2010, 18)

Pelas ruas de Buenos Aires e Porto Alegre

Esta comunicação inspira-se na experiência de uma caminhada por ruas portenhas, realizada em outubro de 2012, ao lado de uma estudante de biologia brasileira de 22 anos de idade.³

Caminhamos pelas ruas dos tradicionais bairros Once e Almagro. Sabendo da minha condição de pesquisador do urbanismo, ela não se furtou de me fazer muitas perguntas.

Algumas eram perguntas sobre Buenos Aires. Para estas, muitas vezes não encontrei qualquer resposta. Eu morava na cidade há dois meses apenas. E Buenos Aires é um desses lugares que não se pode descortinar em tão pouco tempo.

Outras eram perguntas um tanto abstratas, sobre a cidade, a arquitetura, o planejamento urbano.

A primeira coisa que me chamou atenção nas perguntas da minha companheira de caminhada foram suas referências constantes à cidade onde residia, Florianópolis. Na sua fala, eram quase inevitáveis as comparações entre Buenos Aires e Florianópolis.

Logo contei-lhe uma pequena história, que me foi relatada há mais de 20 anos por Benício Schmidt, em Paris, quando eu vivia uma experiência parecida àquela que estou abordando. Uma certa vez, um grupo de alunos de Fernand Braudel o teria procurado para aconselhar-se sobre uma viagem a Londres. Iriam visitar a cidade e queriam saber se uma semana era suficiente para conhecê-la. À esta pergunta, Braudel teria respondido: “para conhecer Londres, uma semana não basta; mas, esses poucos dias poderão ajudá-los a conhecer um pouco melhor Paris”.

Em Florianópolis, a jovem estudante residia em um condomínio fechado. Mirando a capital da Argentina a partir da sua própria cidade, perguntava-me se toda Buenos Aires era “*esta fila interminável de edifícios uns colados nos outros*”, que lhe lembrava “*o Centro de Florianópolis*”.

² Aliás, importância já muitas vezes ressaltada, como o fez Achim Schrader (2002) no artigo “Loas ao passeio”, publicado no Brasil há mais de uma década.

³ Residi em Buenos Aires entre agosto de 2012 e julho de 2013, quando realizei estágio pós-doutoral junto à Universidade Nacional de General Sarmiento. Neste período, fui acolhido pela colega Alcía Novick e recebi o apoio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e da CAPES, através de uma bolsa de estudos. A todos, meus agradecimentos.

Sua experiência urbana, em essência, era a experiência de alguém que se deslocava pela cidade de ônibus ou automóvel. Ela não caminhava “*pela cidade*” de Florianópolis. Caminhava “*pelo Centro*”, quando ia ao Centro; ou “*pelo campus*”, quando ia à Universidade, ou “*pela Lagoa*” e “*pela praia*”, quando ia à Lagoa da Conceição ou à praia.

As comparações e perguntas se sucediam, envolvendo também cidades norte-americanas, europeias, asiáticas, africanas: elas se pareciam a Buenos Aires ou a Florianópolis?

Apresentei-lhe a noção de *rua-corredor*. Depois falei sobre a *cidade tradicional* e sobre as características do seu *tecido urbano*.⁴ Como uma aplicada bolsista de iniciação científica na pesquisa biológica, disse-me que a explicação sobre o *tecido urbano* lembrava alguns *modelos* que estudara.

Uma curiosidade inesgotável, de dar inveja, que, obviamente, somente em parte pude atender. Mais de uma vez suas perguntas me fizeram confessar que sentia a falta de uma “tela” na qual pudéssemos “navegar”. Aliás, minha companheira de caminhada parecia “navegar” desde que nasceu.

Quando passamos pelo cruzamento entre a avenida Corrientes e a rua Bologne-sur-Mer, perguntou-me o que queria dizer este último nome. Disse-lhe, vagamente, que era o nome de uma cidade francesa. Depois, queria saber porque uma rua de Buenos Aires tinha o nome de uma cidade francesa. Minha resposta novamente vaga apontava para o fato de que era muito comum atribuir-se o nome de cidades a ruas.

Uma das primeiras coisas que fizemos ao retornar para casa foi *guglar* “Bologne-sur-Mer Argentina” – e só esperamos “tanto” tempo porque, na época, não dispúnhamos de *smartphones*. Descobrimos, então, que, além de uma rua de Buenos Aires, também uma cidade argentina fora assim denominada – homenagens justificadas porque em Bologne-sur-Mer (França) morreu, no ano de 1850, o general San Martín, grande herói da independência argentina.

Em março de 2014, já de volta à Porto Alegre, tive minha primeira conversa com uma jovem portenha que chegava à cidade para um semestre de estudos na Faculdade de Arquitetura.

Ela vinha ao Brasil pela primeira vez. Dizia-se “encantada” com Porto Alegre e com nosso país, sempre o comparando com a “empobrecida” (na visão dela) Argentina. Eu a contestei. Disse-lhe que a Argentina, pelo menos do ponto de vista urbano, parecia-me um país muito rico. Contei-lhe de minha experiência recente em Buenos Aires, de minhas caminhadas, da descoberta da urbanidade e da vitalidade dos espaços públicos das cidades argentinas, de minhas visitas a Rosário, Santa Fé, Córdoba, Resistência. Contei-lhe, ainda, a história do encontro de Fernand Braudel com seus alunos, dizendo-lhe o quanto aprendi sobre o Brasil na minha estadia na Argentina. Ela demonstrou alguma surpresa. Calada, pareceu consentir. E voltou a falar de seus projetos para o semestre, que “*por supuesto*” incluíam

⁴ Noções muito usadas pelos pesquisadores da área de arquitetura e urbanismo de um modo geral e pelos estudiosos da morfologia urbana, em particular – ver, por exemplo, Rosetti (2012).

viagens a São Paulo e Rio de Janeiro – cidades que, como também acontecera com Porto Alegre, “visitara” previamente ao “navegar em internet”.

Algum tempo depois, a estudante portenha procurou-me. Discretamente, queixou-se da família que a acolhia: “*eles nunca caminham pela cidade*” e sempre “*me convidam para ir ao mesmo lugar, a algum shopping center*”. Contou-me que, certa vez, foi desencorajada a visitar um parque localizado “*a três quadras*” da sua residência porque, diziam seus anfitriões, “*era longe*” e “*perigoso de visitar a pé*”. Disse a ela que muitos moradores de Porto Alegre agiam e pensavam de outra maneira. Ela me contestou algo melancólica, dizendo que “*desgraciadamente*” ainda não conheceria esses moradores.

O último ato desse encontro, já quase uma rotina nesses tempos de mobilidade acadêmica, se deu pouco antes do regresso da estudante à Argentina. Estas ocasiões, é claro, incluem gestos e palavras sempre presentes nas despedidas, como um abraço fraterno e os votos de “*suerte*”. Desta vez, entretanto, como se fora um regalo, a escutei dizer, sorridente e em bom português: “*ao andar pelas ruas de Porto Alegre compreendi melhor o valor das cidades argentinas*”.

Buenos Aires, cada vez mais “próxima” devido às facilidades de deslocamento, estaria se tornando cada vez mais exótica para os brasileiros, como cidade e arquitetura? E as cidades brasileiras, como Porto Alegre, estariam se “americanizando”?

Contextos

Preciso lembrar aqui, por um momento, uma *imagem* e algumas ideias que apresentei em 2005⁵, em artigo dedicado à chamada *atitude contextualista*.

A *imagem* está reproduzida a seguir. Trata-se de uma fotografia na qual aparece, em primeiro plano, o edifício do Novo Hotel Jung, construído em Porto Alegre no início dos anos 1930. A foto foi publicada em 1935, por Antonio Soveral, em álbum que organizou em homenagem ao *trabalho alemão* no Rio Grande do Sul.⁶

⁵ Neste item, retomo, com algumas modificações, parte do texto publicado em 2005.

⁶ Soveral (1935) não nos oferece qualquer indicação sobre o autor da fotografia.

Edifício do Novo Hotel Jung



Fonte: Soveral, 1935.

Como sugere a imagem, quem andava pelas ruas do Centro de Porto Alegre nos anos 1930 caminhava em meio a uma paisagem dominada por sobrados. O Novo Hotel Jung se destacava nesse contexto justamente por contrariá-lo.

Sobre o edifício do Novo Hotel, Sílvia Leão (2000, 11) registra referências feitas, na época, ao “*moderno arranha-céu*” localizado em “*um dos pontos centrais mais movimentados da cidade*”. Fernando Corona (1940, 481) refere-se a um “*edifício bem lançado, com linhas chamadas americanas e com um belo pórtico românico*”.

Quanto à *atitude contextualista*, eu ressaltava que o discurso da “valorização do contexto” ganhara força entre os arquitetos brasileiros, nos anos 1970, graças, sobretudo, à uma crítica da arquitetura e do urbanismo “modernistas” que mirava especialmente as cidades europeias, como testemunhou a ampla divulgação alcançada pelos trabalhos de Aldo Rossi. A cidade “tradicional” conteria um princípio ordenador alternativa ao da cidade “moderna”.

Entretanto, nos anos seguintes, as práticas sustentadas por tal discurso se revelariam muito frágeis diante de uma realidade que parecia afastar-se cada vez mais da tradição urbana sedimentada no Velho Mundo. Concluí minha análise dizendo que o grande desafio à *atitude contextualista* no Brasil era trabalhar sobre um quadro urbano fluído e fragmentado, que emitia mensagens contraditórias e que pouco ou nada lembrava a relativa homogeneidade dos tecidos que inspiraram os trabalhos de Rossi, Aymonino e dos irmãos Krier.

Não é possível compreender a arquitetura do Centro de Porto Alegre, no presente, sem levar em consideração a trama histórica que a gerou, porque neste âmbito, precisamente, encontramos parte dos elementos fundadores de sua identidade urbanística. Hoje, diante do Novo Hotel Jung (transformado em edifício comercial), um passante poderia defini-lo como um dos “mais baixos”, “mais antigos” e “menos americanos” do Centro da cidade. Mas isso nada elucidaria, porque o Centro, como outras regiões da cidade, sedimenta experiências arquitetônicas e urbanísticas contraditórias. A urdidura do tecido urbano tradicional que aparece como pano de fundo para a ruptura representada pelo moderno Novo Hotel Jung foi apenas uma destas manifestações.

Ruas relativamente estreitas e terrenos originalmente parcelados para abrigar casas e sobrados, por muitas décadas foram a base e a expressão de uma urbanidade aberta à diversidade funcional. Porém, estas mesmas ruas passariam a abrigar altos edifícios, alguns construídos exclusivamente para a realização de atividades de comércio e serviços, como bancos, lojas de departamentos e escritórios. Surgem novos programas, como o edifício-garagem, e, quase ao mesmo tempo, o acesso a alguns trechos de ruas é proibido ao automóvel, o que significa nova dificuldade de circulação para a população residente na área. Os quartéis, a Igreja das Dores, a Prefeitura Municipal, o Mercado Público e tantas outras edificações de grande importância histórica e social para a cidade, ombreiam-se com prédios abandonados ou que há muitos anos não recebem nenhum tipo de manutenção.

Há mais de duas décadas fala-se na decadência do Centro. O lugar, entretanto, resiste bravamente e ainda é um dos espaços mais “vivos” da cidade, inclusive nos finais de semana. Nem espaço americanizado nem modernista, do ponto de vista do *projeto* o Centro parece reclamar um diálogo entre experiências históricas diversas – e não a busca de uma nova referência formal para sua arquitetura. Procedimentos de gestão, neste caso como em muitos outros, deveriam anteceder a proposição de ações propriamente arquitetônicas, na escala do edifício ou urbana. Pois o valor do centro, sem dúvida, não está neste ou naquele lugar ou edifício, neste ou naquele “estilo”, mas na sua densidade socioespacial.

Porém, a abordagem contextual da cidade obriga-nos também a exercitar o distanciamento da história. Desse ponto de vista, precisamos nos libertar de modelos de análise construídos a partir da leitura de realidades sociais muito diversas daquela que miramos. Precisamos olhar o que está em nossa volta e, simplesmente, enxergar o que vemos. Há melhor maneira de fazer isso do que através de uma caminhada? O “outro” contexto, acessível pelo “navegar”, simplesmente não tem contorno nem limite.

Tão perto, tão longe

As experiências de caminhadas antes evocadas, de jovens estudantes pelas ruas de Buenos Aires e Porto Alegre, envolvem um aspecto recorrente: tratam das tendências, já identificadas e muito debatidas, especialmente pela antropologia, de banalização do que nos parece familiar e/ou próximo e de sobrevalorização do que nos parece exótico e/ou distante. Mas, de que maneira, hoje, as facilidades oferecidas pelo *navegar* interferem nestas tendências?

Marc Augé (2011) chama a atenção para o encontro enviesado entre o “tomar conhecimento” *on line* de certos eventos e objetos, proporcionado pelas novas tecnologias de informação e comunicação, e o ato de “efetivamente” conhecê-los.

Para Augé, um dos produtos mais perniciosos desse encontro seria um obscuro sentimento de poder, que pode entorpecer seu portador ao fazê-lo crer que domina um conhecimento que de fato não possui. E quando o “tomar conhecimento” se resume a imagens, o resultado pode ser ainda mais perverso: colocada no centro de “*um mundo de*

reconhecimento e não de conhecimento”, diz Augé (2007), “*a imagem pode ser o novo ópio do povo.*”

Um aspecto que me preocupa, especialmente no meu contato com os estudantes de arquitetura e urbanismo, diz respeito justamente à autonomia crescente da iconografia urbana – das edificações às grandes intervenções – em relação a seus contextos próximos e a suas territorialidades.

As imagens da arquitetura característica de uma região podem ser instantaneamente captadas por um “receptor” residente a milhares de quilômetros de distância. Mas o mesmo não acontece com sua materialidade e, muito menos, com as condições históricas (econômicas, políticas, sociais, culturais) que a tornaram possível. Para experimentar tal materialidade precisamos vivenciar “alguma coisa” que, aparentemente, ainda não “circula” pelas redes. Esta “coisa” parece-me decisiva para o êxito ou fracasso de um projeto, arquitetônico ou urbano, do ponto de vista social.

Note-se que, nas conversas do dia a dia, há muito tempo os arquitetos utilizam o termo “projeto” para se referir tanto a projetos propriamente ditos (plantas, cortes, fachadas, perspectivas) como a obras efetivamente construídas. Mas, cabe insistir, o contato com *imagens* de projetos e de obras construídas, por melhor que seja a sua definição, não possibilita o conhecimento da integralidade do objeto (projeto ou obra construída) e dos processos associados à sua realização. O *navegar* parece multiplicar o efeito inebriante da confusão entre projeto e obra realizada.

Projetos e obras arquitetônico-urbanísticas realizados nos Estados Unidos talvez sejam um dos melhores exemplos do problema apontado. Nenhum outro país tem uma produção iconográfica tão expressiva. Porém, muitas leituras de “sua” arquitetura ignoram a grande diversidade sociocultural daquele país. As imagens de arranha-céu se multiplicam e, em si, já quase nada explicam ou representam.

E assim se produz – no Brasil e alhures – uma “descrição” da arquitetura e mesmo das cidades norte-americanas pautada por um imaginário acerca daquela sociedade, que se sobrepõe a outro sobre sua arquitetura, ambos construídos como base na leitura de “imagens”, longe de maior contato com a *realidade*. Aliás, hoje, o que é mesmo a realidade? – pergunta-se Mario Bunge (2010).

Ao mesmo tempo, são raros entre nós os estudos relativos ao *americanismo* – certo conjunto de atitudes e representações, individuais e coletivas, tomado como expressão particular da *modernidade* no Brasil – e ao processo de *americanização* de nossas cidades, no sentido da sua efetiva *modernização* à imagem das cidades norte-americanas.⁷

Num caso como noutro, estamos desafiados a navegar e, ao mesmo tempo, caminhar sobre o *chão* das cidades, porque “*as cidades são livros que se leem com os pés*”, como cantou o poeta uruguaio Quintín Cabrera, em 1995:

De mañana se visten de pan y ruidos nuevos,

⁷ A propósito dos termos, e dos temas, *americanismo* e *americanização*, ver, por exemplo, Cohen e Damisch (1992) e Cohen (1995).

*de sol al mediodía, por las tardes café.
Su corazón enseñan tan solo por las noches
mintiendo a los turistas pues no les quieren bien.
Las ciudades son libros que se leen con los pies.
Se prestan pedacitos preciados del paisaje,
esquinas y detalles, a veces un cartel.
El color de los taxis puede ser una clave,
un guiño hacia el viajero si este lo quiere ver.
Las ciudades son libros que se leen con los pies.
La magia de Estocolmo lleno de primavera
está en Río de Janeiro vaya a saber por qué.
Lo seguiré diciendo aunque nadie lo crea
hay zonas de Getafe que son de Hospitalet.
Las ciudades son libros que se leen con los pies.
Su soledad comienza en un túnel de metro
y en manos apretadas, la solidaridad;
el patio en las escuelas les da juegos y risas
y amargo gesto toman en salas de hospital.
Las ciudades son libros que se leen con los pies.
La luna más hermosa y grande que yo he visto
comparten Carcassonne y Cuenca, bien lo sé,
Puerto de Santa María las chicas más bonitas
paseando por sus calles igual que Montpellier.
Las ciudades son libros que se leen con los pies.
Baldosa por baldosa busco a Montevideo
por silencios nocturnos y en mesas de cafés;
montones de basura vigilan las esquinas:
el "viejito" Frugoni tenía razón, ya ven.
Las ciudades son libros que se leen con los pies.*

REFERÊNCIAS

- AUGÉ, Marc. “La imagen puede ser el nuevo opio del pueblo”. Entrevista concedida ao jornal **El País**. Madrid, 23/06/2007. Disponível em: <http://elpais.com/diario/2007/06/23/cultura/1182549605_850215.html> Acesso em fevereiro/2015.
- AUGÉ, Marc. **Où est passé l'avenir?** Paris: Points Essais, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003 [2000].
- BUNGE, Mario. **Caçando a realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- COHEN, Jean-Louis. **Scènes de la vie future**. Paris: Flammarion, 1995.
- COHEN, Jean-Louis; DAMISCH, Hubert (orgs.). **Américanisme et modernité: l'idéal américain dans l'architecture**. Paris: Flammarion, 1992.
- CORONA, Fernando. Directrizes da arquitetura – Casas de Porto Alegre. In: Franco, Álvaro et al. **Porto Alegre, biografia de uma cidade**. Porto Alegre: Tipografia do Centro, 1940, pp. 476-486.
- HOUAISS, Antonio. **Dicionários Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2001.
- LEÃO, Sílvia Lopes Carneiro. Os antigos hotéis de Porto Alegre. **Arqtexto**, nº 0, 2000, pp. 4-12. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_0/0_Silvia.pdf> Acesso em fevereiro/2015.
- ROSETTI, Tamara Sofia Guanaes Silva. **A dimensão urbana da arquitetura: ambientes de transição**. Vitória; UFES, 2012. Dissertação de Mestrado (Arquitetura e Urbanismo)
- ROVATI, João Farias. A valorização do contexto – o caso de Porto Alegre. **Arquiteturarevista**, vol. 1, nº 2, julho-dezembro 2005. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/1936/193616192005.pdf>> Acesso em fevereiro/2015.
- SCHRADER, Achim. Loas ao passeio: um método menosprezado na pesquisa social empírica. In: BAETA NEVES, Clarissa Eckert; SOBOTTKA, Emil Albert (Org.). **Métodos de pesquisa social empírica e indicadores sociais** – Achim Schrader. Porto Alegre: UFRGS, 2002. p. 97-126.
- SOVERAL, Antonio (Org.). **O trabalho alemão no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, s.e., 1935.